



Israel pôs em marcha o massacre sobre Gaza

Por uma campanha internacionalista de defesa dos palestinos!

Pela derrota do imperialismo e do sionismo!

Depois de sofrer um ataque, encabeçado pelo Hamas, e dos demais grupos militares organizados da Faixa de Gaza, o Estado sionista de Israel e os EUA desencadearam sua resposta de terror de Estado: isolaram a região, cortaram energia, água e alimentos, e bombardearam o único hospital da região, escolas, mesquitas e prédios de moradia. Bloquearam a saída de Rafah, destruída por bombardeios israelenses, e que era a única via para os refugiados chegarem ao Egito. Cercaram a Faixa de Gaza com tanques e 300 mil soldados. Evacuaram as cidades próximas da fronteira. Atacaram aeroportos na Síria e bombardearam locais do Hezbollah no Sul do Líbano. Os EUA levaram para a região um porta-aviões e mais alguns navios de guerra. O governo, metido numa crise de pagamentos da dívida pública estadunidense, impôs a aprovação de verbas emergenciais de apoio ao Estado sionista de Israel. A oposição “social-democrata” israelense imediatamente formou um governo de unidade nacional com toda a ultradireita de Benjamin Netanyahu, dando-lhe poder total para assuntos de guerra

Além do suporte militar incondicional garantido pelos EUA, Israel ganhou apoio da grande maioria dos países, da ONU, e do Papa – o Vaticano está sempre em unidade com os nazistas, sejam eles alemães ou “judeus”. Apenas se

une o apoio efetivo a um hipócrita chamamento à paz e humanidade.

O gigantesco poderio militar de Israel, reforçado com o que sobra nos EUA que ainda não tenha sido enviado à Ucrânia, tem um obstáculo pela frente, que vai muito além dos estimados 100 mil mísseis do Hamas ou dos inúmeros túneis subterrâneos em Gaza: o apoio de boa parte da população às organizações militares palestinas, ou no mínimo o rechaço à opressão sionista. A tomada militar de Gaza somente poderá ser efetivada com um banho de sangue jamais visto em uma região tão pequena como Gaza.

O presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, se limitou a suplicar pela ação da ONU, que é dirigida pelas potências imperialistas, em particular pelos EUA, para deter o ataque israelense. Em palavras, defendeu o direito dos palestinos à autodefesa, mas nada faz para mobilizar todos os recursos que maneja em favor da luta contra os sionistas. Vai encontra-se com o Secretário de Estado estadunidense, Antony Blinken, para discutir um “plano de paz”. A traição da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que se submeteu ao reconhecimento do sionista Estado de Israel, para a causa de seu povo se concretiza numa terrível situação de guerra.

O presidente iraniano, Ebrahim Raisi, parabenizou o Hamas por ter conseguido destruir

alvos militares específicos que permitiriam um ataque organizado de Israel contra o Irã. E que o estado sionista demorará anos para reconstruí-los. Não se sabe exatamente como o Irã participou ou não da ação do Hamas. Mas sabe-se que muitas das armas usadas para a operação “Tempestade Al-Aqsa” eram ianques e europeias, provenientes da Ucrânia. Provavelmente, o contrabando de armas do Leste Europeu para a Palestina é muito maior do que as potências pensavam. Segundo os EUA, a corrupção é uma das características mais marcantes do governo Zelensky.

A Rússia e a China se declararam favoráveis à causa palestina e a um cessar fogo imediato. Claro, depois de alcançado o objetivo militar de destruição de pontos estratégicos do sionismo em Israel. Mas é certo que parte da atenção e insumos militares já escassos dos EUA serão desviados para o Oriente Médio, enfraquecendo o esforço militar na Ucrânia. A chegada do outono e aproximação do inverno, juntamente com a crise orçamentária estadunidense, são mais elementos que favorecem a Rússia, e os objetivos da burocracia contrarrevolucionária, que somente busca um acordo com o imperialismo, de forma a preservar a economia nacionalizada pela Revolução Proletária, que hoje, tendo sido expropriado o controle operário há um século, serve à casta burocrática como fonte de poder e ganhos.

As massas em diversos países saíram às ruas, em defesa da causa palestina, em especial na Europa. No Egito, Jordania, Iraque e Líbano, milhões de árabes festejam a ação do Hamas e, agora, do Hezbollah. As ações militares e agora o massacre dos sionistas sobre Gaza têm despertado a solidariedade das massas oprimidas da região. Ainda que tenham acontecido outras em favor de Israel, e conflitos de rua entre ambas, esse movimento mostra que é possível pôr em pé uma ação internacionalista geral de apoio aos palestinos contra os massacres que já ocorrem e os que estão por ocorrer, da parte do estado militarista e sionista de Israel.

Por mais que se discorde dos métodos usados pelas organizações militares palestinas de

Gaza e de outras regiões, ou de suas políticas nacionalistas e até direitistas ou obscurantistas, não se pode admitir qualquer atenuação ao apoio aos palestinos e condenação de Israel, sob a crítica a esses grupos quando estão sob fogo do sionismo e do imperialismo. O proletariado mundial combate em todas as trincheiras contra a burguesia mundial imperialista, antes de tudo. O acerto de contas que fará com suas burguesias nacionais está subordinado circunstancialmente a essa ação imediata necessária, sem nunca as apoiar politicamente, e preservando sempre sua independência política e organizativa.

As ações que conformam uma autêntica frente única anti-imperialista, sob a direção e programa proletário, passam pelas manifestações, pelas greves e boicotes a empresas fornecedoras ou ligadas ao sionismo, bloqueio de portos, aeroportos, estações ferroviárias, fronteiras, ocupação de instalações sionistas, exigência aos governos pela ruptura com o Estado de Israel, e todo tipo de apoio possível aos palestinos sob o ataque sionista.

É parte dessa luta combater a moral e ideologia burguesas, que igualam a violência e terror exercido pelos oprimidos aos que exercem os opressores. É necessária uma clara delimitação diante da farsa dos direitos humanos da burguesia imperialista, que acusa os oprimidos e suas organizações de terrorismo, enquanto continua a apoiar a política de genocídio e o colonialismo, instrumentos do terrorismo de Estado sionista, que se desfecha há décadas sobre o povo palestino.

É preciso afetar a economia, atacar os lucros dos capitalistas em toda parte, como parte da luta de classes internacional do proletariado e das massas oprimidas contra a burguesia, regional e internacional.

Essas medidas favorecerão que se avance em direção a uma palestina socialista, parte de uma unidade federativa socialista mais geral, os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio, que serão alcançados pela revolução proletária em cada um dos países dessa região. E se voltarão para a vitória da Revolução Mundial Socialista.